



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA

HÉLIO CHARLES DA SILVA FILHO

INVERSÃO DE GÊNERO EM MACBETH

CAMPINA GRANDE – PB

NOVEMBRO – 2019

HÉLIO CHARLES DA SILVA FILHO

INVERSÃO DE GÊNERO EM MACBETH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Área de Concentração: Literatura Inglesa

Orientador: Prof. Ms. Valécio Irineu Barros

CAMPINA GRANDE – PB

NOVEMBRO – 2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva Filho, Helio Charles da.
Inversão de gênero em Macbeth [manuscrito] / Helio Charles da Silva Filho. - 2019.
24 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Valécio Irineu Barros ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Característica de gênero. 3. Gênero masculino. 4. Gênero feminino. 5. Crítica feminista. I. Título
21. ed. CDD 801.95

2010
(dez)

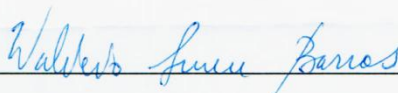
HÉLIO CHARLES DA SILVA FILHO

INVERSÃO DE GÊNERO EM MACBETH

Trabalho de conclusão de Curso ou Dissertação ao Curso de Letras – Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Inglês.

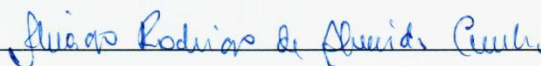
Aprovado em: 19/11/19.

BANCA EXAMINADORA



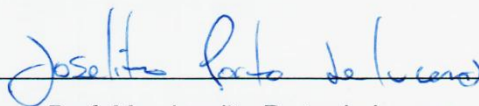
Prof. Me. Valécio Irineu Barros.

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Joselito Porto de Lucena.

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sumário

1. Introdução	5
2. Princípio dos gêneros masculino e feminino.....	5
3. Violação das leis de gênero de Macbeth e Lady Macbeth	9
4. Retorno aos gêneros pertencentes.....	14
5. A morte de Lady Macbeth como marginalização do feminino	18
6. Considerações finais	21
Referências bibliográficas	22

Resumo

No campo de estudos sobre os gêneros masculino e feminino na literatura, sabe-se que há uma diferença na distribuição de funções. O presente trabalho tem como objetivo estudar essa atribuição em relação aos dois gêneros, discutindo suas particularidades e convergências. Para tanto, serão utilizadas as teorias das características de gênero de Marilyn French (1981) e de Joan Larsen Klein (1983). Como material de análise, escolhemos a tragédia *Macbeth*, a fim de estudar a inversão das características de gêneros e as consequências que são desencadeadas por essa troca de papéis entre os personagens Macbeth e Lady Macbeth. Para isso, procuramos entender como os dois gêneros são representados nessa obra. Partindo desse ponto de vista, estabelecemos discussões, nos apoiando nas concepções de teóricas e críticas feministas.

Palavras-chave: William Shakespeare, Macbeth, Características de gênero, Inversão.

Abstract

In the field of studies on male and female genders in literature, it is known that there is a difference in the distribution of functions. The present work aims to study this process of attribution in relation to both genders, discussing their particularities and convergences. For that purpose, we shall use the theories of gender characteristics of Marilyn French (1981) and of Joan Larsen Klein (1983). As analytical material, we chose the tragedy *Macbeth* in order to study the inversion of gender characteristics and the consequences that are triggered for this role reversal between the characters Macbeth and Lady Macbeth. For this, we try to understand how both genders are represented in this work. From this point of view, we set up discussions based on the conceptions of feminist literary critics and theorists.

Keywords: William Shakespeare, Macbeth, Gender characteristics, Inversion.

1. Introdução

Os gêneros masculino e feminino como objeto de investigação literária têm despertado cada vez mais o interesse de vários estudiosos, os quais vêm contribuindo para a discussão e análise das características atribuídas a ambos os gêneros.

William Shakespeare (1564-1616) é amplamente considerado um dos maiores escritores e dramaturgos da língua inglesa durante o Renascimento. Neste período, o contexto histórico favorecia o desenvolvimento cultural e artístico, pois a Inglaterra vivia os tempos de ouro sob o reinado da rainha Elizabeth I.

Mesmo com uma rainha no poder, a figura do homem continuava sobrepujando a da mulher. Nem de longe se avistavam as discussões feministas de hoje em dia. Para os dias de hoje, algumas das obras de escritores daquela época podem ser consideradas como sexistas. No entanto, essa mentalidade era comum para a época. Respeitando o entorno social e político do autor na Inglaterra no fim dos século XVI e início do XVII, esse trabalho fará reflexões sobre a tragédia *Macbeth*.

Serão analisadas as personagens Macbeth e Lady Macbeth, quanto à atribuição de papéis de gênero, bem como em relação às consequências desencadeadas pela inversão de papéis. Analisaremos, também, como se dá a violação de funções de acordo com os princípios de gênero.

Para a elaboração deste trabalho, de base bibliográfica, fizemos a leitura da tragédia *Macbeth* (1606-1607), seguida de análise interpretativa. Ainda examinamos alguns apontamentos teóricos que exploram discussões sobre gênero por Marilyn French (1981), Elaine Showalter (1989), Coppélia Kahn (1981), Terence Hawkes (1977), Joan Larsen Klein (1983) e Paula S. Berggren (1983), de modo a melhor entender a temática evidenciada na obra estudada.

2. Princípio dos gêneros masculino e feminino

Marilyn French em seu livro *Shakespeare's division of experience* (1981), diz que os princípios de gênero podem ser definidos em dois polos, masculino e feminino. E no centro destes, existem qualidades que não são específicas de um gênero, e que são valorizadas em ambos os sexos. O extremo do polo masculino é a capacidade de matar, enquanto o extremo do polo feminino é a capacidade de dar à luz. French explica a ideia do polo masculino, dizendo que:

O princípio masculino, baseado na capacidade de matar, é o pólo do poder-no-mundo. Está associado à proeza e posse, com coragem física,

assertividade, autoridade, independência e o direito, direitos e legitimidade; ele alega ser capaz de definir e administrar a justiça e apoia a lei e a ordem como um arranjo imposto e mantido pela força. (FRENCH, 1981, p.13, tradução nossa).¹

As características que foram apresentadas, corroboram a ideia do homem como o centro do mundo por meio da força bruta. Enquanto a mulher é vista como a figura da natureza, já que é a única de sua espécie que pode dar à luz, menstruar, amamentar e produzir leite para alimentar uma nova vida.

Sobre essa última associação, French (1981, p. 14) estabelece uma ligação entre a natureza e o gênero feminino, apresentando duas vertentes. Segundo ela, a “[n]atureza tem dois aspectos (embora nem sempre sejam facilmente distinguíveis): um benevolente (nutritivo, regenerador, de apoio) e um malévolo – destrutivo, subversivo das construções humanas e mais poderoso que qualquer construção humana – [...]”.² (tradução nossa).

A mesma autora chama a atenção para o fato de que a mulher recebe qualidades de acordo com o que pode produzir fisicamente e não devido a suas atitudes e escolhas. Além disso, dizer que a natureza, associada à mulher, tem um lado destrutivo, capaz de destruir construções humanas, transmite a ideia de que o homem representa a humanidade, enquanto a mulher representaria a natureza.

Em uma das cenas da peça Macbeth, Lady Macbeth pede para que os espíritos “dessexuem-na” para que nela não reste mais a capacidade de dar a luz a uma criança. Aceitando assim, a escuridão que os homens carregam e que está ligada com a capacidade de matar:

Venham espíritos
Que instilam os pensamentos assassinos, dessexuai-me,
Cumulem-me da cabeça aos pés
Com a mais horrível crueldade! Espessem meu sangue,
Impeçam o acesso e a passagem à compaixão,
De tal modo que nenhum remorso natural
Remova meu propósito de não pactuar
Com suas consequências. Possuam os meus seios
E façam amargo o meu leite, serviçais da morte,
Onde quer que suas substâncias invisíveis
Aguardem as perturbações da natureza. Venha, noite densa,
Revestida da mais sombria fumaça do inferno,
Para que meu punhal não veja o ferimento que causa,
Nem os céus observem através do manto da escuridão,

¹ The masculine principle, predicated on the ability to kill, is the pole of power-in-the-world. It is associated with prowess and ownership, with physical courage, assertiveness, authority, independence, and the right, rights, and legitimacy. It claims to be able to define and administer justice; and it supports law and order as an arrangement imposed and maintained by force.

² Nature has two aspects (although they are not always easily distinguishable): a benevolent (nutritive, regenerating, supportive) and a malevolent (destructive, subversive of human constructions, and more powerful than any human constructions—

A excluir, 'Espera, espera!'. (Macbeth, Ato 1, Cena 5, p. 24)

Ao pedir que seu leite torne-se amargo, ela tem como objetivo abrir mão de sua feminilidade e sua capacidade de nutrir o bebê com seu leite materno, para alcançar o que almeja. Terence Hawkes (1977) corrobora essa ideia ao falar que para que Lady Macbeth consiga atingir seus propósitos malignos, é exigido que ela abandone seu papel feminino como mãe e se torne um homem. O mesmo autor ainda diz que não restam dúvidas em relação ao esforço que Lady Macbeth faz até o assassinato do rei Duncan, chegando assim assumir rapidamente o papel masculino tradicionalmente assertivo.

French também fala sobre essa passagem da obra, contribuindo com informações sobre valores simbólicos ligados aos gêneros. Segundo ela:

As imagens da peça são divididas em categorias masculina e feminina. Sangue e mantos reais, simbólicos da proeza masculina, autoridade e legitimidade, opõem-se a imagens procriativas e nutritivas de bebês, crianças, seio e leite. Lady Macbeth nos informa sobre seus valores em sua primeira aparição: Macbeth, diz ela, é falho por estar "cheio demais do leite da bondade humana" (I, v, 17). Contraposta à visão do Macbeth guerreiro que acabamos de receber, essa é uma percepção surpreendente. No entanto, tem menos a ver com Macbeth, do que com sua senhora. Aquela que, na visão de Shakespeare, deveria incentivar adequadamente esse lado leitoso do marido, resolve, em vez disso, alinhar-se ao princípio masculino, em uma passagem que liga explicitamente gênero a papel e valor moral: [...] (FRENCH, 1981, p.245, tradução nossa)³

Como destaca French, Lady Macbeth deixa explícito em sua fala que existe uma inversão de valores das características de gênero entre ela e Macbeth, já que ele está "cheio demais do leite da bondade humana" (Macbeth, Ato 1, Cena 5, p. 22), leite este que deveria estar presente nela. Ao reconhecer isso, nota-se que ela insinua que Macbeth possui características do gênero feminino, destacando assim, uma troca de papéis quanto aos gênero entre os dois personagens.

No decorrer da obra, fica ainda mais explícito por falas da personagem Lady Macbeth e seu comportamento, a quebra das características naturais femininas. Em determinado ponto, ela cita novamente a relação de uma mãe amamentando seu bebê:

[...] Já amamenteei e sei
Quão suave é amar o nenê que me suga:

³ The imagery of the play is divided into masculine and feminine categories. Blood and royal robes, symbolic of male prowess, authority, and legitimacy, are opposed to procreative and nourishing images of babies, children, the female breast, and milk. Lady Macbeth informs us of her values at her first appearance: Macbeth, she says, is flawed by being "too full o' th' milk of human kindness" (I, v, 17). Laid against the view of Macbeth the warrior that we have just been given, this is an astonishing perception. It has less to do with Macbeth, however, than with his lady. She who, in Shakespeare's view, should properly encourage this milky side of her husband, resolves instead to align herself with the male principle, in a passage explicitly connecting gender to role and moral value:

Mesmo ele estando a sorrir para mim,
Arrebataria o seio de suas gengivas desdentadas
E faria saltarem-lhe os miolos, se assim o tivesse jurado fazer,
Como você jurou em relação àquilo. (Macbeth, Ato 1, Cena 7, p. 30)

Agora o leitor toma conhecimento de que Lady Macbeth já foi mãe, e ela sabe qual é a sensação de sentir um filho em seus braços, um bebê que depende do leite da sua mãe para sobreviver. A figura do bebê aqui trás consigo a ideia de inocência, e mesmo assim é algo que Lady Macbeth se mostra pronta a destruir.

A teórica Coppélia Kahn em seu livro *Man's Estate: Masculine Identity in Shakespeare* (1981), contribui com uma análise ainda mais profunda desse trecho, ao falar sobre a relação de confiança do bebê em relação à mãe, enquanto esta o está amamentando:

A mãe ama seu bebê amamentando-o, e ele "mama" ativamente; ela olha para ele e ele sorri para o rosto dela. A confiança do bebê na mãe e o alimento vital que recebe dela dão à mãe seu valor único como mãe, enquanto ela dá ao bebê não apenas leite, mas a garantia ontológica de ser visto e reconhecido. Mas, além dessa troca recíproca de identidades, o que a mulher quer é transcender sua feminilidade, ganhar outra identidade através da ação masculina. Em sua fantasia, ela não mata o bebê por acaso, como uma maneira de mostrar sua determinação em agir como homem; o assassinato do bebê representa a ação que ela executaria, e sua concepção do que é ação masculina – assassinato. (KAHN, 1981, p.153-p.154, tradução nossa)⁴

Como foi visto, segundo Kahn, Lady Macbeth deixa transparecer o que para ela, seria uma ação masculina: matar alguém, nesse caso, seu próprio filho se assim ela tivesse prometido. Suas afirmações trazem também a ideia do quão importante é uma promessa, mesmo que em segundo plano. O principal ponto apresentado aqui foi o contraste de dois extremos: de um lado, a mãe amamentando seu filho com o alimento que permite a criança viver. Do outro, uma mãe que, não só interrompe um ato de extrema confiança, mas também vai além e mata a criança de forma cruel, como a própria Lady Macbeth disse: *“E faria saltarem-lhe os miolos [...]”*.(Macbeth, Ato 1, Cena 7, p. 30)

A transcendência da feminilidade também foi um outro ponto citado por Kahn. A garantia da mãe em ser vista e reconhecida, não foram suficientes para Lady

⁴ The mother loves her babe by nursing it, and it actively "milks" her; she gazes at it, and it smiles into her face. The babe's trust in the mother and the life-giving nourishment it receives from her give the mother her unique value as a mother, while she gives the babe not just milk, but the ontological reassurance of being seen and recognized. But beyond this reciprocal exchange of identities, what the woman wants is to transcend her femininity, to gain another identity through masculine action. In her fantasy, she does not murder the babe incidentally, as a way of showing her determination to act as a man; the murder of the babe represents the action she would take, and her conception of what masculine action is-murder.

Macbeth, ela quis de fato demonstrar que estava disposta, mesmo que em palavras, a renunciar completamente a sua feminilidade.

3. Violação das leis de gênero de Macbeth e Lady Macbeth

Quando falamos sobre divisão de papéis no contexto social, tanto a mulher quanto o homem são cobrados de maneiras distintas. De acordo com Marilyn French (1981), a ordem social desde o início da história registrada possui uma distinção básica, os gêneros. O papel e a função de um indivíduo estão diretamente ligados ao seu gênero. Ainda segundo a mesma autora, essas divisões estão presentes na vida de todas as pessoas, seja na divisão de trabalho ou na estrutura de nossas línguas. Mas, acima de tudo, a diferença de gênero influencia a maneira como pensamos e percebemos a realidade.

Registros históricos trazem dados de que a mulher, durante muito tempo foi descrita como inferior ao homem. A linguagem teve grande importância nesse processo de divisão, por estabelecer relações e atributos. Sobre esse aspecto, French afirma que:

O sinal do domínio humano é nomear, linguagem, pois “Adão deu nomes a todo gado, às aves do céu e a todos os animais do campo”. Claramente, embora o relato posterior, mais sofisticado e abstrato conceda humanidade a ambos homens e mulheres, no relato mais antigo, Adão é homem, ele, o humano. “E Adão chamou o nome de sua esposa, Eva; porque ela era a mãe de todos os vivos. A estrutura de valor é clara. O homem é a imagem do humano; ele recebe controle e mão de obra (lavra); seu controle se estende por toda a natureza, incluindo Eva, ela, mulher, vista totalmente como portadora de filhos, que, como os outros animais, recebe seu nome, de acordo com sua função, pelo homem dominante. Acima de tudo, a relação adequada entre homem e natureza (que inclui a mulher) é de domínio, controle, poder.” (FRENCH, 1981, p.04, tradução nossa)⁵

Segundo essa análise do livro de Gênesis feita por French, toda a natureza existe em função do homem. Sendo ele o dominador de tudo o que é vivo. A mulher sendo também representada como parte da natureza, está conseqüentemente submetida a esse domínio. Eva Recebeu seu nome em concordância com sua capacidade de portar filhos, definida, assim, como seu papel principal.

⁵ The sign of human dominion is naming, language, for “Adam gave names to all cattle and to the fowl of the air, and to every beast of the field.” Clearly, although the later, more sophisticated and abstract account grants humanness to both males and females, in the older account, Adam is man, he, the human. “And Adam called his wife’s name Eve; because she was the mother of all living.

The value structure is clear. Man is the image of the human; he is granted control and labor (tilling); his control extends over all of nature including Eve, she, woman, seen totally as the bearer of children, who, like the other animals, is given her name, according to her function, by dominant man. Above all, the proper relation between man and nature (which includes woman) is dominion, control, power over.

Considerando isso, seria esperado, principalmente devido ao contexto social da era elisabetana em que a história se passa, em uma sociedade patriarcal, com visões muito rígidas sobre os papéis de homens e mulheres. Um exemplo disso, é o de quando uma mulher se casava, ela deixava de ser propriedade de seu pai e passava a se tornar propriedade de seu marido. Visto isso, o comum seria ver Macbeth sendo portador da voz ativa em relação à sua esposa. Ela deveria obedecê-lo sem questionar sua autoridade, já que ele era o ser dominante.

Lady Macbeth é quem trás a ideia de matar o rei, ao perguntar quando o rei partiria de volta ao reino, ela rebate a resposta de Macbeth ao dizer: “Oh, nunca verá o sol amanhã!” (Macbeth, Ato 1, Cena 5, p. 25). Nota-se que ela pretende agir contra a vida do rei, e Macbeth a responde: “Falaremos mais depois -“ (Macbeth, Ato 1, Cena 5, p. 25). Ou seja, ele não lhe dá uma resposta de imediato e nem demonstra espanto ao ouvir a esposa falar sobre matar alguém.

Em relação ao dever da esposa, Joan Larsen Klein no livro *The Woman's Part: Feminist Criticism of Shakespeare (1983)* diz que as mulheres só poderiam desobedecer o marido quando eles agissem em oposição à lei divina, lei essa que tem como preceitos os dez mandamentos. Mas que, as boas esposas deveriam tentar trazê-los de maneira virtuosa.

Faz parte dessa ideia de lei divina, não matar, mas a própria Lady Macbeth é quem dá a ideia, fugindo totalmente de sua obrigação como esposa, e anfitriã, conseqüentemente, corrompendo assim seu papel feminino. O rei Duncan ainda a chama de: “Justa e nobre anfitriã,” (Macbeth, Ato 1, Cena 6, p. 26) o que torna esse rompimento ainda mais trágico. Klein (1983, p. 240) corrobora essa ideia ao dizer que: “Lady Macbeth viola seu dever principal com o marido e seu Deus quando ela pede que Macbeth assassine seu rei.⁶” Sendo assim, Macbeth erra perante a lei divina, só que Lady Macbeth faz muito pior, pois deturpa não só a lei divina, mas foge de sua obrigação como mulher.

Diferentemente de sua esposa, Macbeth ainda demonstra remorso e culpa, falando a ela o quão terrível seria se ele como anfitrião agisse contra o rei, ele diz: “[...] sendo eu o hospedeiro, aquele que deveria fechar a porta do assassino, não poderia empunhar o punhal eu mesmo.” (Macbeth, Ato 1, Cena 7, p. 28)

Klein (1983) também fala sobre esse momento de bondade vindo de Macbeth, que é o que se espera de um súdito e anfitrião. Ela diz que:

[...] Ele também, por um breve momento, parece entender que a caridade, não a crueldade, deve motivar a ação humana e que a piedade, não a crueldade, é forte—que a piedade arrosta a tempestade e as lágrimas afogam o vento. Além disso, sua visão momentânea da piedade como um

⁶ Lady Macbeth violates her chief duty to her husband and her God when she urges Macbeth to murder his king.

bebê recém-nascido evoca não só a imagem de Cristo triunfante, mas também o emblema da caridade—um bebê nu sugando o seio. Devemos lembrar, no entanto, que a caridade era associada mais frequentemente às mulheres do que aos homens, porque se pensava que as mulheres, como as crianças, eram fisicamente fracas: " é natural que as mulheres sejam bondosas e gentis / porque são fracas / e precisam da ajuda do outro ", disse Vives (sig. M^V). [...]”(KLEIN, 1983, p.242, tradução nossa)⁷

Como foi exemplificado por Klein, a piedade, que deveria ser mostrada pela personagem feminina Lady Macbeth, encontra-se na verdade em seu marido. Ele não possui as mesmas características físicas fracas de uma mulher, porém demonstra essa inversão de características entre o gênero feminino e masculino por meio de suas falas.

Mais uma vez a figura de um bebê sugando o seio é trazida, dessa vez o bebê é retratado como estando nu. Dando um enfoque maior para o quão frágil ele é, pode-se dizer que essa assimilação foi feita para mostrar que Macbeth consegue enxergar onde a piedade se encontra, mesmo que não prossiga com esse pensamento, ele ao menos reconhece. Já Lady Macbeth em momento algum demonstra ver essa característica feminina de piedade.

Quando Macbeth se mostra receoso e logo pensa nas consequências caso o plano de matar o rei desse errado: “E se falharmos?” (Macbeth, Ato 1, Cena 7, p. 30), disse Macbeth. Em resposta, Lady Macbeth então se prontifica em planejar todo o crime, assumindo a responsabilidade de ser a principal peça desse ato, ela demonstra coragem e controle. Características que, como vistas anteriormente nesse trabalho, são esperadas de um homem. Ela diz:

Devemos nos preparar para a sua chegada:
Deixe a meu encargo a grande empresa desta noite,
Aquele que, para os dias e noites vindouros,
Proverá domínio imperial e poder soberano. (Macbeth, Ato 1, Cena 5, p. 25)

Pela fala da personagem podemos notar o quão determinada ela está em ajudar seu esposo a subir ao trono e, conseqüentemente, tornar-se rainha, mesmo que por meio de um ato terrível. Em momento algum nos é mostrado que Lady Macbeth almeja o trono para interesses próprios, como reconhecimento ou autoridade, seu foco é colocar Macbeth nessa posição de extremo poder.

⁷ He also, for one short moment, seems to understand that charity, not cruelty, ought to motivate human action and that pity, not cruelty, is strong—that pity strides the blast and tears drown the wind. His momentary vision of pity as a newborn babe, furthermore, evokes not only the image of Christ triumphant but also the emblem of charity—a naked babe sucking the breast. We should remember, however, that charity was associated more often with women than it was with men because woman, like children, were thought to be physically weak: "hit is natural for women to be kynde and gentyll / bicause they be feble / and nede the ayde of other," said Vives (sig. M^V).

No livro *The Woman's Part: Feminist Criticism of Shakespeare*, Paula S. Berggren trás uma análise sobre as mulheres nas tragédias, em específico ela cita Lady Macbeth, dizendo que:

[...] As mulheres que existem na tragédia devem deixar sua marca rejeitando sua feminilidade, por meio de um sublime sacrifício, ou como parteiras da paixão do herói. Imaginamos quantos filhos Lady Macbeth teve apenas porque os rejeitou como uma irrelevância em sua vida. [...] ⁸(BERGGREN, 1983, p.18- p.19, tradução nossa)

Como mencionado anteriormente, Lady Macbeth já foi mãe e mesmo assim ela diz “Possuam os meus seios e façam amargo o meu leite” (Macbeth, Ato 1, Cena 5, p. 24), descartando a hipótese de ser mãe. Para completar, ela pede para ficar sem sexo, rejeitando assim sua feminilidade como destacado por Berggren.

Essa escolha que Lady Macbeth tomou, segundo Berggren, foi para que ao invés de parir filhos, ela parisse a paixão do herói, paixão essa que seria o fato de Macbeth se tornar rei. Ela ainda vai além, Berggren (1983) diz que ao invés da procriação as mulheres shakespearianas geram vilania.

Após o assassinato, ao ver suas mãos sujas de sangue, em uma conversa com sua esposa, Macbeth diz: “Que visão triste...” (Macbeth, Ato 2, Cena 2, p. 36), Lady Macbeth lhe responde: “Que tolice dizer que é uma visão triste.” (Macbeth, Ato 2, Cena 2, p. 36). Essa passagem deixa claro o arrependimento de Macbeth após o feito, enquanto que Lady Macbeth se mostra firme mesmo após ver o sangue do assassinato.

Não só Lady Macbeth, mas também algumas outras personagens femininas da peça demonstram certa influência sob Macbeth. As bruxas, seres retratados por Shakespeare como sinistras, fazendo uso de falas duplicadas em seus rituais como: “E como um rato sem rabo, eu farei, eu farei, eu farei.” (Macbeth, Ato 1, Cena 3, p. 12). Rafael Raffaelli (2016, p. 12) explica esse fato, quando informa: “Segundo a tradição, as bruxas tinham o poder de se metamorfosearem em ratos, mas não tinham nenhuma parte do corpo que correspondesse ao rabo.” Elas faziam uso desses poderes para interferir na vida dos homens.

Coppélia Kahn confirma essa ideia, ao falar sobre a influência que algumas personagens têm sob Macbeth:

[...] A fonte de sua confusão sexual são as bruxas, que direcionam suas travessuras para ele, e Lady Macbeth, que busca satisfação indireta através dele. Essas mulheres se aliam à destruição, não à criação (Lady Macduff, aparecendo em apenas uma cena como uma mãe ansiosa e indefesa, é um

⁸ Such women as exist in tragedy must make their mark by rejecting their womanliness, by sublime sacrifice, or as midwives to the passion of the hero. We wonder how many children Lady Macbeth had only because she has dismissed them as an irrelevance in her life. [...]

contraste para elas). A suscetibilidade de Macbeth a elas e sua incapacidade de manter e defender suas concepções de masculinidade emanam de sua dependência inconsciente delas como mentoras. Sua realeza, conquistada por repetidos assassinatos que lhe roubam todo o contentamento, pode ser simbolizada por homens ensanguentados, ele e aqueles que ele mata, e esses homens estão, por sua vez, associados ao tipo de ação que sua esposa pede em nome da masculinidade. Ele a vê, de fato, como uma espécie de homem, que deveria

gerar apenas filhos-homens!
Pois tua coragem destemida deve compor
Nada além de machos.⁹

(KAHN, 1983, p.173, tradução nossa)

Essa influência é maior, é claro, da parte de Lady Macbeth. Basta que consideremos a forma como Macbeth conseguiu chegar ao trono em busca da aprovação de sua esposa, já que a princípio, ela cobra dele o que ela acredita ser características e deveres de um homem, características e deveres estes que ela admira. Exigindo que ele conquiste o trono por meio da violência e sangue, mesmo que isso vá contra as leis naturais.

Lady Macduff é colocada como frágil, servindo como um exemplo que representa o oposto à Lady Macbeth e as bruxas, mesmo todas sendo do gênero feminino, possuem características diferentes. Ao dizer que espera que sua esposa gere apenas filhos homens, agora é Macbeth quem demonstra reconhecer a ligação que existe entre sua esposa e o gênero oposto. Em um trecho, enquanto ele tem uma conversa com Lady Macbeth, é possível notar como os dois personagens lidam com a situação assim que assassinam o Rei Duncan, ela o questiona:

Lady Macbeth: Porque você tirou essas adagas do lugar?
Elas têm que ficar lá. Leve-as e lambuze
Os criados dormentes com sangue.
Macbeth: Não irei nunca!
Receio pensar no que fiz,
Olhar para aquilo de novo, não quero!
Lady Macbeth: Que fraca determinação!
Dê-me as adagas. O que dorme e o morto
Não são mais que imagens. É o olho infantil
Que teme o diabo pintado, Se ainda corre o sangue,
Cobrirei com ele as faces dos criados,

⁹ The source of his sexual confusion are the witches, who direct their mischief toward him, and Lady Macbeth, who seeks vicarious fulfillment through him. These female beings ally themselves with destruction, not creation (Lady Macduff, appearing in only one scene as an anxious and defenseless mother, is a foil to them). Macbeth's susceptibility to them, and his inability to maintain and defend his conceptions of manliness, emanate from his unconscious dependency on them as mentors. His kingship, gained by repeated murders that rob him of all content, might be symbolized by bloody men, himself and those he kills, and those men are in turn associated with the kind of action urged on him by his wife in the name of manliness. He sees her, in fact, as a kind of man, who should "bring forth men-children only! / For thy undaunted mettle should compose / Nothing but males".

Para que a culpa deles seja visível. [Sai]
Macbeth: Donde vêm essas batidas?
O que há comigo, que qualquer ruído me apavora? [...]
(Macbeth, Ato 2, Cena 2, p. 37- p. 38).

Macbeth não demonstra coragem, pelo contrário, ele se mostra assustado e começa apresentar traços de perturbação. Lady Macbeth diz que ele possui uma fraca determinação por não querer voltar à cena do crime, então ela mesma o faz. Confirmando a coragem que Macbeth disse que ela possuía.

French (1981) também destaca a presença desses valores masculinos de poder e autoritarismo nas bruxas, quando diz:

“[...] Essa ambiguidade está incorporada nas bruxas que abrem a tragédia. O canto delas, "O justo é falso e o falso é justo", é uma lenda da ambiguidade moral e estética, mas as próprias bruxas encarnam ambiguidade de gênero. Eles são do sexo feminino, mas têm barba; elas são agressivas e autoritárias, mas parecem ter poder apenas para criar travessuras mesquinhas. Suas pessoas, suas atividades e suas canções servem para vincular a ambiguidade sobre gênero à ambiguidade moral.”¹⁰
(FRENCH, 1981, p. 242- 243, tradução nossa)

Note-se que, diferentemente de Lady Macbeth, as bruxas apresentam traços masculinos em seus corpos, de tal forma que encarnam até fisicamente a ambiguidade de gênero. Isso indica a dualidade desde o início da peça, de forma a introduzir as violações de gênero que acontecem ao longo de toda a obra.

4. Retorno aos gêneros pertencentes

Como demonstrado anteriormente, a peça começa com alguns personagens apresentando características do gênero oposto, por meio de suas falas e atitudes. Mas, como veremos adiante, na análise desse tópico, ocorre uma mudança quanto a isso. Macbeth e Lady Macbeth começam a manifestar características do gênero ao qual pertencem.

Joan Larsen Klein (1983, p. 246) fala exatamente em qual momento se inicia a mudança de características entre ambos os personagens: “Após o assassinato, é Lady Macbeth quem suja os criados de sangue. Em seu último ato como governanta, Lady Macbeth lembra-se de lavar o sangue de Duncan das mãos e

¹⁰ This ambiguity is embodied in the witches who open the tragedy. Their chant, "Fair is foul, and foul is fair," is a legend of moral and aesthetic ambiguity, but the witches themselves incarnate ambiguity of gender. They are female, but have beards; they are aggressive and authoritative, but seem to have power only to create petty mischief. Their persons, their activities, and their song serve to link ambiguity about gender to moral ambiguity.

vestir camisolas.”¹¹ Não é por acaso que o ato de limpar as mãos só foi evidenciado na personagem de Lady Macbeth. Macbeth também tinha sujado as mãos enquanto executou o assassinato, mas é nela em que se apresenta a preocupação de lavar sua roupa e a si mesma. Essa função de lavar roupas cabendo especificamente e unicamente à esposa. Dando assim início ao processo de retorno às características do gênero feminino e masculino dos dois personagens.

Ao gênero masculino costumam ser atribuídos poder e autoridade na maioria das sociedades, se não em todas. E no contexto social de Macbeth não é diferente. Após Macbeth pedir para que soem o sino de alerta para avisar sobre o assassinato do rei, a comunicação entre o personagem masculino Macduff e Lady Macbeth, evidencia agora um tipo diferente de tratamento à personagem feminina Lady Macbeth. Ela lhe pergunta:

Que alarido é esse que à luta
Clama os que dormem na casa? Fala, fala!
Macduff: Oh, gentil senhora,
Não escute o que tenho a dizer!
Repeti-lo aos ouvidos de uma mulher
Poderia matar conforme falo. (Macbeth, Ato 2, Cena 3, p. 42)

Esse curto diálogo mostra a relação de um outro homem que não seja Macbeth à essa personagem. Macduff se dirige a ela como se a mulher não fosse capaz de presenciar ou até mesmo ouvir sobre tal ato. Sobre esse fato, Klein diz que:

Assim que o assassinato de Duncan torna-se um fato público. Lady Macbeth começa a perder seu lugar na sociedade e sua posição em casa. Ela faz isso porque não há espaço para ela no mundo exclusivamente masculino de traição e vingança. Portanto, sua fraqueza e falta de consequência são reveladas, pela primeira vez, na cena da descoberta. [...] ¹² (KLEIN, 1983, p. 246, tradução nossa)

Se observado de um ponto de vista mais atual, o contexto em que a tragédia se passa é extremamente machista. Mesmo Lady Macbeth sendo a dona da casa, a quem deveria ser informado tudo o que acontece, por ser de sua responsabilidade

¹¹ After the murder, it is Lady Macbeth who smears the grooms with blood. In her last act as housekeeper, Lady Macbeth remembers to wash Duncan's blood off their hands and to put on nightgowns.

¹² As soon as Duncan's murder is a public fact. Lady Macbeth begins to lose her place in society and her position at home. She does so because there is no room for her in the exclusively male world of treason and revenge. Therefore, her weakness and lack of consequence are first revealed in the discovery scene.

mantê-la organizada. Macduff não lhe diz o que havia acontecido, então, após a entrada de um outro personagem masculino no recinto, Macduff dirige-se a ele. Lady Macbeth por estar presente, também ouve a notícia.

Assim que as pessoas tomam conhecimento do ocorrido, alguns personagens notam fenômenos estranhos. Esse fenômenos foram desencadeados no início da peça, desde o momento da intervenção mística das bruxas, que desencadeia a quebra de alguns princípios, inclusive os aspectos de gênero. O personagem Ross, em uma conversa com um velho homem, diz: “Vês como o céu, perturbado com os atos humanos, ameaça este palco sangrento: pelo relógio é dia, mas a noite escura ainda sufoca a lâmpada ambulante.” (Macbeth, Ato 2, Cena 4, p. 46) Deixando explícito agora também a confusão nos princípios da natureza, e não mais só nas alterações dos princípios dos gêneros.

Sobre esse ponto, French (1981, p. 247) menciona e comenta outro ato que evidencia a quebra do natural: “[...] Os cavalos de Duncan "brigam contra a obediência" e devoram uns aos outros. A confusão nos papéis humanos de gênero leva, nesta peça, à confusão nas hierarquias da natureza, [...]”¹³

Após a morte de Duncan, Macbeth assume o trono e Lady Macbeth se torna rainha. Assumir essas posições contribui para um afastamento entre os dois personagens. Macbeth é quem aparece com o poder de tomar decisões na peça. Isso remete à ideia de que agora ele está se utilizando do autoritarismo natural do homem. Enquanto que Lady Macbeth se encontra sem voz e poder. Já que nem seu papel feminino ela consegue desempenhar, sobre isso, Klein (1983) diz:

Depois que Macbeth se torna rei, ele, o homem, comanda tão completamente Lady Macbeth que não permite que ela participe de seus novos negócios. Não sendo mais cúmplice dele, ela perde seu papel de governanta. Macbeth planeja o próximo banquete, não Lady Macbeth. Foi Macbeth quem convidou Banquo, e não Lady Macbeth, que recebeu Duncan a Inverness sozinha.¹⁴(KLEIN, 1983, p.246, tradução nossa)

Não só no banquete, mas de um modo geral, ele a mantém de fora de todos os assuntos referente ao seu reinado. Um outro exemplo disso, é quando Macbeth planeja matar seu amigo, Banquo, por considerá-lo uma ameaça ao seu futuro como rei. Macbeth faz isso por temer a profecia dita pelas bruxas em seu primeiro encontro na cena III (p. 14- p. 15). A profecia dizia que Macbeth se tornaria rei, e Banquo seria pai de reis, mas não seria um.

¹³ Duncan's horses "contending 'gainst obedience" and eating each other. Confusion in human gender roles leads in this play to confusion in the hierarchies of nature,

¹⁴ After Macbeth becomes king, he, the man, so fully commands Lady Macbeth that he allows her no share in his new business. No longer his accomplice, she loses her role as housekeeper. Macbeth plans the next feast, not Lady Macbeth. It is Macbeth who invites Banquo to it, not Lady Macbeth, who had welcomed Duncan to Inverness by herself.

Após tornar-se rei, as preocupações sobre a profecia o fizeram pensar fixamente em como impedi-la de acontecer. Então, sem comunicar a Lady Macbeth, ele decide procurar as bruxas novamente para ouvir o que mais elas têm a dizer. Nesse caso, ele deu a oportunidade de fala para outras personagens femininas, deixando Lady Macbeth de lado. Mesmo ganhando o título de rainha, ela não exerce essa função de fato. Seu marido contribui fortemente para que isso não aconteça.

Nota-se também que, agora vemos uma Lady Macbeth que não é considerada confidente ou governanta do lar. Visto isso, percebe-se que ela não apresenta características de nenhum gênero, como uma forma de punição por violar os princípios do gênero feminino. French (1981) confirma esse aspecto, ao trazer uma análise de como Shakespeare encarou as violações das leis desses dois personagens:

No entanto, no final da peça, quando o marido ganha o atributo de "açougueiro", ela, que nunca realizou atos de violência, é chamada de "demônio". Aos olhos de Shakespeare, Macbeth violou a lei moral; Lady Macbeth violou a lei natural. Seu raciocínio, ao insistir com Macbeth para o assassinato, não é diferente do de Macdonald: ele é chamado de traidor e escravo. Ambos os termos se referem ao mundo ético da legitimidade: sugere-se resistência à autoridade atualmente constituída; o outro insiste em ilegitimidade. Mas Lady Macbeth não é julgada assim; ela é vista como sobrenaturalmente má. Seu crime é hediondo porque viola seu papel social, que foi erigido em um princípio de experiência: ela falha em defender o princípio feminino. Para ela, como para Goneril, esse fracasso a mergulha mais profundamente em um poço de maldade do que qualquer homem jamais pode cair." ¹⁵(FRENCH, 1981, p.245, tradução nossa)

Como afirmado por French, Lady Macbeth e Macbeth ganham designações diferentes. Mesmo tendo sido o próprio Macbeth quem executou o assassinato em si, recebeu um julgamento distinto não por isso, mas sim por pertencer ao gênero masculino. Essa diferença entre as denominações entre eles diz muito sobre a diferença de cobrança em relação aos dois gêneros pela sociedade. Visto que, diferentemente de Macbeth, ela afundou sem nenhum resquício de glória em seu fim na peça.

¹⁵ Yet at the end of the play, when her husband earns the attribute of "butcher," she, who has not personally performed acts of violence, is called "fiend-like". In Shakespeare's eyes, Macbeth has violated moral law; Lady Macbeth has violated natural law. Her reasoning, in urging Macbeth to the murder, is not unlike that of Macdonald: he is called traitor and slave. Both of these terms refer to the ethical world of legitimacy: one suggests resistance to the currently constituted authority; the other insists on illegitimacy. But Lady Macbeth is not so judged; she is seen as supernaturally evil. Her crime is heinous because it violates her social role, which has been erected into a principle of experience: she fails to uphold the feminine principle. For her, as for Goneril, this failure plunges her more deeply into a pit of evil than any man can ever fall.

5. A morte de Lady Macbeth como marginalização do feminino

As figuras masculina e feminina estão presentes em todas as sociedades em suas diversas formas. Em relação a elas, papéis são atribuídos de diferentes modos, de acordo com a variação sociocultural. Na maioria das sociedades, a mulher é negligenciada e sofre isso em diversas áreas, como por exemplo: no mercado de trabalho, no espaço doméstico e até mesmo no ambiente familiar. No meio intelectual e acadêmico não é diferente.

Em sua obra *Speaking of Gender*, Elaine Showalter (1989, p.06) cita a fala de uma importante crítica e poeta feminista, Sandra Gilbert, sobre o descaso que as mulheres enfrentam mesmo de pessoas próximas que deveriam apoiá-las. Segundo Gilbert: "A maioria dos nossos colegas do sexo masculino não vêm a nossas palestras, não lê nossos ensaios e livros, nem admite que existimos como pensadoras, professoras, escritoras que fazem parte de um movimento intelectual significativo"¹⁶, ou seja, a indiferença masculina contra as mulheres se dá também no meio intelectual.

Apesar dos muitos avanços e conquistas do movimento feminista, na maioria das sociedades, ainda hoje muitos homens menosprezam a ideia de que uma mulher poderia assumir cargos e posições que demandam autoridade. A discriminação de gênero continua colocando as mulheres em uma posição inferior no mercado de trabalho.

Essa prática sexista também é comumente vista na ficção literária. É possível encontrar muitas personagens femininas que são marginalizadas por autores pelo simples fato de serem mulheres. Sobre essa prática, Showalter (1989) afirma:

Mais peculiar talvez, mas infelizmente não surpreendente, foram as avaliações que aceitei sobre mulheres fictícias. Por exemplo, aprendi rapidamente que poder era algo não feminino e mulheres poderosas eram, literalmente, monstruosas. Perversas, todas elas, devem ser eliminadas, reformadas ou, no mínimo, condenadas. [...] Aquelas raras mulheres que são mostradas na ficção como poderosas e, em certo sentido, admiráveis, são assim porque seu poder se baseia, se não na beleza, então pelo menos na sexualidade.¹⁷(SHOWALTER, 1989, p.25, tradução nossa).

¹⁶ Most of our male colleagues don't come to our talks, don't read our essays and books, don't in fact concede that we exist as thinkers, teachers, writers who are part of a significant intellectual movement.

¹⁷ More peculiar perhaps, but sadly unsurprising, were the assessments I accepted about fictional women. For example, I quickly learned that power was unfeminine and powerful women were, quite literally, monstrous. [...] Bitches all, they must be eliminated, reformed, or at the very least, condemned. [...] Those rare women who are shown in fiction as both powerful and, in some sense, admirable are such because their power is based, if not on beauty, then at least on sexuality.

Quando alguma personagem feminina aparece com algum tipo de poder, isso é visto como algo antinatural e inaceitável. E como forma de punição, as personagens recebem fins injustos e impactantes, quase como um alerta para as demais mulheres que pensem em obter algum tipo de poder além daquele que o homem lhe conceder.

Lady Macbeth é uma personagem que prova isso. Com a ajuda da representação de Shakespeare para com essa personagem, e respeitando o período em que o mesmo viveu, conseguimos ter uma ideia de como a figura da mulher era tratada naquele tempo e lugar em que o autor fez parte. Já que era o tratamento que toda a sociedade tinha perante as mulheres da época.

Até a morte do rei Duncan, ela é personagem de destaque, participando diretamente dos acontecimentos da peça, tendo sido fundamental para o desenvolver da tragédia, já que foi ela quem planejou o assassinato e também incentivou seu marido, de forma autoritária e ferrenha. E mesmo assim é destruída sem glória ou honra, perdendo até as atribuições de seu papel feminino. Klein (1983) retrata bem isso ao analisar a cena do banquete, que evidencia a separação entre Lady Macbeth e suas funções:

[...]Finalmente, na grande cena do banquete, ela perde até seu papel vacilante de anfitriã. Como Macbeth está além de seu alcance e compreensão, ela não tem poder. Ross, não Lady Macbeth, dá o primeiro comando para se levantar. Quando Lady Macbeth tenta duas vezes dizer aos nobres que Macbeth tem sido assim desde a juventude, ninguém finge acreditar nela. Quando ela tenta preservar a "boa reunião" (III. iv.109), até Macbeth a ignora. Assim que é forçada pelas ações de Macbeth a desistir de seu último papel, ela dissolve em confusão a própria sociedade de cuja continuidade esse papel depende. Com o marido fora de seu alcance e a sociedade em desordem, Lady Macbeth não tem mais razão de existir.”¹⁸ (KLEIN, 1983, p.247, tradução nossa).

Lady Macbeth agora é retratada como alguém quase sem função no banquete, mal possuindo lugar de fala. Agora ela não chega a ser nem a anfitriã, e muito menos tem algum controle sob as ações do Rei Macbeth. Como mencionado por Klein, Lady Macbeth perde a razão de viver, e isso é agravado quando Macbeth a abandona para consultar as bruxas. Nessa hora, ela fica totalmente sozinha. Em nenhum momento da história ela foi mostrada com alguma amiga ou criada, deixando de haver, assim, alguém que a ouvisse ou consolasse.

¹⁸ Finally, in the great banquet scene, she loses even her faltering role as hostess. Because Macbeth is there beyond her reach and her comprehension, she is powerless. Ross, not Lady Macbeth, gives the first command to rise. When Lady Macbeth twice tries to tell the nobles that Macbeth has been thus since his youth, no one pretends to believe her. When she attempts to preserve the "good meeting" (III. iv.109), even Macbeth ignores her. As soon as she is forced by Macbeth's actions to give over her last role, she dissolves in confusion the very society upon whose continuance that role depends. With her husband out of her reach and society in shambles, Lady Macbeth no longer has any reason for being.

O leitor não sabe como de fato ela morreu, pelas circunstâncias de sua saúde mental, supõe-se que tenha se matado, mas nada de concreto é informado. Antes de sua morte, é mostrado pela primeira vez na peça, seu lado sonambólico, durante a noite ela começa a repetir uma mesma ação compulsivamente. Em uma conversa com o médico, a Dama de Companhia diz: “É um ato costumeiro dela, parece que está lavando as mãos; eu a vi persistir nisso bem um quarto de hora.” (Macbeth, Ato 5, Cena 1, p. 100). Esse ato, de certa forma, externaliza a culpa que Lady Macbeth sente em relação ao assassinato de Duncan, ao tentar lavar as suas mãos de forma que tirasse o sangue do rei, tentando assim se livrar da culpa que sentia, sangue este que, agora, existente apenas em sua imaginação.

Diferentemente de sua esposa, Macbeth não perde a vida de forma misteriosa. Seu personagem teve a oportunidade de, em um último momento, lutar pela sua vida, fechando assim seu ciclo, enquanto que Lady Macbeth teve sua vida interrompida sem nenhuma chance adicional de honra e glória.

Nos momentos finais da peça, Macbeth se dirige à luta para desafiar os seus adversários com o intuito de matá-los. Esse derramamento de sangue não é diferente da ação de derramar o sangue de Duncan, mas para Lady Macbeth, resultou em um fim miserável. Já Macbeth não recebe essa mesma condenação. Em relação a sentença recebida por Macbeth, French (1981) diz:

Na conclusão desta tragédia, aceitamos sem questionar o julgamento de que Macbeth é um carneiro. De fato, no entanto, ele não é mais sanguinário no final do que é no começo. Macbeth vive em uma cultura que valoriza a carnificina. Ao longo da peça, a masculinidade é equiparada à capacidade de matar. O poder é o valor mais alto da Escócia e, na cultura escocesa, o poder é proeza militar. O crime de Macbeth não é que ele seja um assassino: ele é elogiado e recompensado por ser um assassino. Seu crime é um fracasso em fazer a distinção que sua cultura espera entre os objetos de seu massacre.”¹⁹ (FRENCH, 1981, p.244, tradução nossa).

French aponta que na cultura de Macbeth, o assassinato em si não é visto com maus olhos, pode até trazer recompensas. No início da peça, Macbeth participa de uma guerra na qual ele assassina um rebelde, trazendo vitória ao seu rei, ganhando o título de Barão de Cawdor, por isso. O erro de Macbeth foi ter matado um rei, descrito como “generoso” por Banquo (Macbeth, Ato 2, Cena 1, p. 33), ou seja, um erro na escolha de sua vítima. Essa capacidade de matar só era admirada

¹⁹ At the conclusion of this tragedy, we accept without demur the judgment that Macbeth is a butcher. In fact, however, he is no more a butcher at the end than he is at the beginning. Macbeth lives in a culture that values butchery. Throughout the play manhood is equated with the ability to kill. Power is the highest value in Scotland, and in Scottish culture, power is military prowess. Macbeth's crime is not that he is a murderer: he is praised and rewarded for being a murderer. His crime is a failure to make the distinction his culture expects among the objects of his slaughter.

se fosse vinda de um homem, no caso de Lady Macbeth, por ser do gênero feminino, como visto anteriormente, foi considerada como sobrenaturalmente má.

Na conclusão da peça, é possível observar o valor que cada gênero ainda carrega até o fim, não havendo alteração na valorização que estes recebem socialmente. Quanto a isso, French (1981) chama a atenção para o fato de que:

... a peça termina como começou, em um mundo totalmente masculino. Coragem, destreza, capacidade de matar e compaixão, carinho e misericórdia, não são qualidades igualmente valiosas a serem mantidas em um equilíbrio flexível.²⁰ (FRENCH, 1981, p.251, tradução nossa).

As qualidades femininas continuaram desvalorizadas nesse contexto dominado pelo homem. Do início ao fim da obra, a figura da mulher em nenhum momento foi vista como algo a ser seguido como exemplo pelos próprios homens. Pelo contrário, quando Macduff recebe a notícia de que sua família estava morta, Malcolm lhe diz: “Enfrente isso como um homem.” (Macbeth, Ato 4, Cena 3, p. 97) Trazendo a ideia de que uma mulher reagiria de forma frágil só por ser do gênero feminino. Depois disso, para reforçar essa ideia, Macduff diz: “Oh, posso fazer papel de mulher com meus olhos [...]” (Macbeth, Ato 4, Cena 3, p. 97), mas logo em seguida pede para que o céu apresse o encontro dele com Macbeth, para que assim ele possa enfim se vingar. Em resposta, Malcolm diz: “Dessa maneira soa viril!” (Macbeth, Ato 4, Cena 3, p. 97), ao dizer isso, Malcolm compartilha da ideia de que a virilidade é o que deve ser buscado, já as características femininas devem ser desprezadas.

6. Considerações finais

Nesse trabalho, ao analisar a tragédia *Macbeth* de William Shakespeare, foi observado que os personagens Macbeth e Lady Macbeth apresentaram, entre eles, uma troca na atribuição de papéis de acordo com os princípios de seus gêneros. Também notou-se que, ao fim da peça, receberam julgamentos diferentes em relação ao crime em que ambos cometeram, diferença essa resultante da reafirmação dos papéis convencionais de gênero.

O que também nos chamou atenção foi o fato desses personagens assumirem determinadas funções no início da peça e, gradativamente, transitarem para suas funções de origem com o decorrer da narrativa. Nesse processo, transparece como eram vistas e mais fortemente julgadas, como inferiores, as características femininas naquela época.

²⁰ And the play ends as it began, in a totally masculine world. Courage, prowess, the ability to kill, and compassion, nurturance, and mercy, are not equally valuable qualities to be held in a flexible balance.

Se tratando dos princípios de gênero, buscamos apresentar as características e qualidades mais fortes em ambos. Como a capacidade de dar à luz, capacidade que pertence unicamente à mulher, ação essa que foi desprezada por Lady Macbeth, que preferiu escolher a capacidade oposta ao seu gênero, a capacidade de matar. Ela colocou como prioridade a sua ambição e a de Macbeth, o incentivando a cometer o regicídio, e questionando a masculinidade do mesmo quando ele se mostrou desencorajado.

Posteriormente, Lady Macbeth ainda prosseguiu violando as convenções para o gênero feminino, ao não desempenhar seu papel de boa anfitriã e boa esposa. Enquanto que Macbeth, por meio de suas falas, demonstrava piedade e remorso, características que, como foi visto, não eram aceitas em um homem, por fazerem parte do gênero feminino, tido como inferior.

Acreditamos que a parte mais relevante desta pesquisa consista na possibilidade de observação e interpretação dos vários tipos de contextos sociais, ampliando a compreensão do contraste entre gêneros. Diferenças que estão presentes em todos os tipos de cultura por todo o mundo. Podendo ainda ajudar a investigar fenômenos culturais específicos em áreas distintas.

Este trabalho procurou contribuir um pouco mais com os estudos de gênero na tragédia mais curta de William Shakespeare, e ao mesmo tempo despertar o interesse de seus leitores, tendo em mente a relevância de suas obras. Acreditamos que se pode dar continuidade aos estudos nessa área, já que as relações humanas mudam a todo momento, o que requer um aprofundamento da discussão sobre a questão de gênero. .

Referências bibliográficas

FRENCH, Marilyn. *Shakespeare's Division of Experience*. New York: Ballantine Books, 1981.

HAWKES, Terence. *Twentieth Century Interpretations of Macbeth*. New Jersey, 1977.

KAHN, Coppélia. *Man's Estate: Masculine Identity in Shakespeare*. Berkeley—London: University of California Press. 1981.

LENZ, Carolyn Ruth Swift, GREENE, Gayle Greene, and NEELY, Carol Thomas. *The Woman's Part: Feminist Criticism of Shakespeare*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1983.

SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Edited by Rex Gibson. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998.

_____. *Macbeth*. (Trad.) Rafael Raffaelli. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). 2008.

SHOWALTER, Elaine (Ed.) ***Speaking of Gender***. New York: Routledge, 1989.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado forças para conseguir chegar em mais uma etapa de estudos e aprendizagem. E que sem dúvidas, continuará me ajudando nessa jornada.

Gostaria de agradecer enormemente ao professor Valécio Irineu Barros por todos os conhecimentos e auxílios prestados. Desde o início da pesquisa, ele me ajudou com orientações e apoio. A quem admiro e sou extremamente grato, muito obrigado.

Sou muito abençoado por poder contar com minha família, que me ajudou e se fez presente em todos os momentos difíceis, e que sempre confiaram em mim.

A Admilson, por ter caminhado nos passos finais dessa etapa, me incentivando e ajudando todos os dias, e sempre acreditando em mim.

Aos meus queridos amigos Mayara, Bruno, Aline, Nayanne, Elizabeth, Agda, Monique, Marina, Márcia. Em especial Enã e Angélica, que me apoiaram quando eu mais precisei. E me ajudaram a suportar dias difíceis.

Aos amigos que tanto me ajudaram nesse processo de aprendizado, Renata, Júnior, Renali, Ligiane, Edgar, Alisson, Romero, Renato, Leandro e Greysi.

Ao meu irmão Eduardo, por me ajudar a aliviar os estresses da rotina, a quem admiro extremamente pela garra e autenticidade.

Aos meus companheiros de viagem Ivanildo, Daniel, Héberth, Samuel e Viviane que me fizeram companhia durante as longas viagens e me incentivaram a continuar.

Deixo aqui o meu muito obrigado por todos os ensinamentos recebidos às professoras Nathália Sátiro e Marília Cacho. E aos professores Thiago Almeida e Joselito Lucena. Gostaria de agradecer em especial à professora Iá Niani, por ter contribuído enormemente para a minha formação, e por ter também me auxiliado no início dessa pesquisa.